



Carta Aware

FEVEREIRO 2025

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

2 é bom, 3... É demais.

O mês de fevereiro foi marcado pelo início das negociações entre Rússia e Estados Unidos para um possível fim do conflito na Ucrânia. O encontro, sediado na Arábia Saudita, durou 4 horas e excluiu representantes ucranianos. Mas não é como se tivessem esquecido de enviar o convite para Kiev. Segundo Trump, Zelensky teve 3 anos para fazer acordos e acabar com a guerra, mas falhou. Agora, o presidente americano acredita ser o único capaz de acabar, finalmente, com o conflito.

É evidente que a motivação de Trump está longe de ser altruísta. O entusiasmo dos EUA, claro, está nas oportunidades do pós guerra.

Dentre as pautas discutidas está a adesão da Ucrânia na OTAN. A decisão vem como uma prerrogativa para a proteção da indefesa Ucrânia, mas aos olhos de Putin, isso significa que os Estados Unidos estarão próximos, próximos demais, das fronteiras russas. Também, o acordo previa a garantia de recursos naturais essenciais presentes no território ucraniano pelos EUA e União Europeia.

Talvez fosse melhor que a conversa tivesse continuado somente entre dois. Foi só o presidente ucraniano entrar na jogada que o clima esquentou. No final do mês, houve outro encontro, desta vez entre os líderes americano e ucraniano, na Sala Oval da Casa Branca. O objetivo era que fosse assinado um acordo para que os EUA ganhasse parte da receita gerada pelos recursos naturais e minerais ucranianos, em compensação à ajuda americana desde o início do conflito. Com um tom bem menos conciliador que seus colegas de mesa, Zelensky chegou pressionando por mais sanções contra Moscou e exigindo garantias de segurança mais robustas para Kiev. Resultado? O diálogo, que até então parecia caminhar para um roteiro de possível paz, virou um verdadeiro cabo de guerra diplomático, com direito a xingamentos, com Putin sendo chamado de "assassino" e Zelensky de "presidente estúpido". E assim, sem a assinatura do acordo, a perspectiva de um fim para o conflito se tornou ainda mais distante.

Enquanto os EUA tentam costurar um cessar-fogo que não desagrade muito Moscou nem pareça uma rendição para o Ocidente, a União Europeia acompanha tudo de longe, torcendo para que Trump não resolva cobrar pedágio para continuar ajudando a Ucrânia. Mas se há algo que o novo presidente dos EUA parece gostar, são tarifas.

No início de janeiro, Trump anunciou tarifas de 25% ao Canadá (mas apenas 10% para o petróleo canadense) e México, as quais foram suspensas pelo período de 30 dias e passarão a valer no dia 4 de março, em troca de concessões no controle de fronteiras para controle da imigração ilegal e tráfico de drogas.

Estados Unidos

A Europa, que até então vinha passando relativamente ilesa pelas tarifas da nova gestão americana, agora também entrou na mira de Trump. O presidente ameaçou impor tarifas de 25% sobre bens importados da União Europeia, o que colocou os exportadores europeus em alerta. Apesar de não ter especificado quais setores seriam mais afetados, o bloco já sinalizou que pode reagir com medidas retaliatórias.

O aço e o alumínio também não escaparam ao protecionismo do presidente americano e, em março, passa a valer a taxa de 25% nestes, além dos produtos agrícolas, que também estão no radar dos EUA. Tudo para servir ao propósito "Make America Great Again" e priorizar a indústria norte-americana. Com isso e a promessa de tarifas recíprocas, o "tarifaço" de Donald Trump deverá se fazer sentir no mundo inteiro.

Não somente de tensões geopolíticas e guerras comerciais é feito os Estados Unidos. Os dados econômicos de fevereiro trouxeram sinais mistos sobre a trajetória da economia americana. O PCE subiu 0,3% em janeiro, mantendo uma alta anual de 2,6%, após a revisão do dado de dezembro para 2,9%. Esse resultado reforça que a inflação segue resiliente, mas dentro das expectativas do mercado. Já os gastos dos consumidores caíram 0,2% no mês, contrastando com o aumento revisado de 0,8% em dezembro. Como o consumo representa mais de dois terços da economia americana, essa queda inesperada acendeu um alerta para o crescimento nos próximos meses.

Enquanto isso, o mercado de trabalho também deu sinais de enfraquecimento. O payroll de janeiro mostrou a criação de 151 mil empregos, abaixo das expectativas de 160 mil, com taxa de desemprego em 4,1%, um pouco abaixo da projeção de 4%.

A combinação de inflação ainda elevada, consumo em desaceleração e um mercado de trabalho menos aquecido reacendeu as especulações sobre os próximos passos do Fed. Os investidores seguem divididos entre um corte de juros mais próximo ou a necessidade de manter a política monetária restritiva por mais tempo.

Europa

Cedo demais para assumir derrota contra às pressões econômicas, militares e sociais que circundam o continente tais quais abutres à espera de um banquete. Tarde demais para se manter no pedestal e fechar os olhos para o mundo afora.

Eis o limbo estratégico-demográfico que os colegas do Velho Mundo se encontram há um tempo, mas parecem cada vez mais engolir a seco a pílula da verdade: nada será como antes.

Dos velhos aliados, tarifas de 25% para produtos europeus no horizonte. Mais uma tática “rolo compressor” do excelentíssimo presidente Yankee? Até onde esticar a corda sem romper um casamento centenário?

Em contrapartida, ânimos à flor da pele com o corte de juros à 2,75% e a solidez de Lagarde em garantir a meta inflacionária de 2%. “A inflação está caindo e estamos vendo uma recuperação. Se essa recuperação será mais lenta, vamos ver, mas é um processo em andamento, e isso está se tornando bastante evidente”.

O mercado já precifica a maior discrepância inflacionária entre Europa e EUA desde 2022, impulsionada pelo aumento agressivo das tarifas, que pressiona os preços em direções opostas nas duas economias. Além disso, a expectativa de um eventual cenário de paz ucraniano reforça a projeção de preços energéticos mais baixos.

Alemanha

Corroborando o decréscimo de 0,2% no 4º tri, a tão, tão distante galinha dos ovos de ouro do continente se tornou um patinho feio até então afundando com velhas máximas.

Eis que no meio dessa letargia e esquecimento internacional, surge uma velha nova força: Friedrich Merz, prometendo tornar a Alemanha grande novamente... onde foi que já ouvimos isso antes? Para tal feito, antes necessitará superar as divisões congressistas e em seguida cortar de vez o cordão umbilical com os EUA.

A retomada de crescimento em muito também estará atrelada ao desenvolvimento do Produto Interno, e como as flutuações de preços sacudirão o motor germânico. O PMI até atingiu a melhor performance em 8 meses, mas se olharmos o que está sendo dito, nada mais nada menos se trata de um “menos pior” do que uma melhora propriamente dita.

Europa

Reino Unido

Os bretões estão com filosofia similar: solta a mão do Tio Sam e segura o dedo no gatilho. Prelúdio das trincheiras à vista?

Keir Starmer já alterou o percurso da frota econômica. Atingindo 3% com gastos em Defesa no longo prazo, algo não visto desde 93/94, choram os desenvolvimentistas do exterior e celebram os colegas de OTAN. À espera de um apoio dos ilustres parceiros de todo o sempre, hei de se frustrar quem esperava um tapinha nas costas de Trump e recebeu um pescotapa para ficar esperto e se proteger por conta própria.

Dos inimigos há de se ter essa maior ressalva. Dos amigos já não pode também se esperar muito. E contra nós mesmos, como se proteger?

Sofrendo do mesmo mal dos colegas continentais, o Reino Unido segue com a necessidade de estimular a economia sem mesmo ter controlado tão bem assim a inflação. O BoE cortou juros à 4,5% enquanto a expectativa de crescimento caiu para 0,75% e a inflação segue voando alto, nos grandiosos 3%. Um otimismo exacerbado e a urgência em saciar a necessidade de consumir do povo inglês podem acabar tempestuando todo e qualquer racional econômico. Com o avanço dos salários reais, aliado a uma estabilidade do desemprego em 4,4%, acreditar que a política monetária seguirá sob controle parece um exercício de fé.

Ásia

China

O início de fevereiro confirmou que a guerra comercial entre China e Estados Unidos está longe de esfriar.

O governo de Pequim não aceitou calado as tarifas de 10% sobre todas as importações chinesas. Classificou a medida americana como uma violação das regras da OMC e um exemplo de unilateralismo e protecionismo comercial. Em retaliação, anunciaram taxações de 10% e 15% sobre produtos americanos, atingindo carvão, gás natural liquefeito (GNL), petróleo bruto, equipamentos agrícolas e alguns automóveis. Mas, na realidade, o impacto dessas tarifas não parece que fará mais que uma cosquinha nos EUA, uma vez que a China representa apenas 2,3% das exportações americanas de GNL e importa a maior parte de seus automóveis da Europa e do Japão.

Mas se Trump acha que está lidando com a mesma China de seu primeiro, está enganado.

Ásia

China (cont.)

As tarifas durante Trump 1.0 afetariam mais a economia chinesa que hoje em dia. Nos últimos anos, a China reduziu sua dependência do comércio exterior e fortaleceu sua produção doméstica, com importações e exportações representando apenas 37% do PIB, contra 60% no início dos anos 2000. Mesmo assim, a ameaça de que as tarifas podem chegar a 60% gera preocupação.

Em meio às tensões comerciais, o Banco Popular da China adotou uma postura cautelosa na política monetária e manteve suas taxas de referência inalteradas, de 3,1% para um ano e 3,6% para cinco anos. Apesar dos estímulos recentes, a recuperação econômica está apenas engatinhando, pesando sobre a demanda global por commodities e impactando diretamente mercados emergentes, como o Brasil. A fraqueza no minério de ferro e no aço reflete a desaceleração do setor imobiliário e da construção civil chinesa, enquanto o petróleo oscila com as incertezas sobre demanda global e tensões geopolíticas.

Além dos desafios comerciais e monetários, a China sofreu uma derrota geopolítica significativa. O Panamá anunciou que não renovará sua participação no projeto Cinturão e Rota, plano estratégico de infraestrutura global liderado por Pequim. A decisão foi comemorada pelos EUA, que há tempos tentam conter a influência chinesa na América Latina. O presidente panamenho José Raúl Mulino, sob forte influência de Trump, alegou que um Canal do Panamá livre fortaleceria os laços com Washington e garantiria maior segurança econômica e estratégica ao país. A perda desse aliado coloca em xeque a capacidade da China de expandir seu domínio sobre rotas comerciais estratégicas, deixando claro que o retorno de Trump ao poder já está moldando o novo xadrez geopolítico global.

Como se não bastasse a pressão comercial vinda dos EUA, os dados de comércio exterior da China trouxeram novos sinais de alerta. Os números das importações chinesas contrariaram as expectativas e, no período de janeiro e fevereiro, registraram uma queda de 8,4% em relação ao ano anterior, quando esperava-se um crescimento de 1%. As exportações, projetadas em 5%, também ficaram abaixo e observamos uma desaceleração do crescimento de 10,7% em dezembro para apenas 2,3%.

A queda nas importações chinesas indica um possível ajuste estratégico de Pequim diante da escalada das tensões comerciais com os EUA. O recuo de 5% nas compras de petróleo bruto reflete o impacto das sanções americanas ao petróleo russo e iraniano, enquanto a retração de 8,4% no minério de ferro foi influenciada tanto por interrupções climáticas na Austrália quanto pelo excesso de produção siderúrgica na China.

A desaceleração das exportações pode estar ligada à antecipação de envios no fim de 2024, mas agora os efeitos das tarifas começam a ser sentidos. Com a confiança do setor privado ainda fragilizada pela crise imobiliária e pelo endividamento das províncias, Pequim deve reforçar estímulos à demanda interna e acelerar políticas de substituição de importações, sinalizando que a guerra comercial com os EUA está longe de acabar.

Ásia

Japão

Quem diria que em pleno 2025 haveria a discussão sobre a capacidade do Japão em lidar com um forte crescimento?

Mas aqui estamos.

E há ainda a apreensão com os preços... quem diria!

Na guerra neoclássica contra os preços, sobrou até para o sushi. O governo japonês vai desbloquear suas reservas estratégicas do grão para conter o aumento persistente dos preços do alimento. Uma colheita ruim em 2023 e problemas nos circuitos de distribuição em 2024 provocaram uma alta do preço do arroz em dezembro de 64,5% em ritmo anual, um recorde em quase meio século. Diante do cenário, o ministro da Agricultura, Taku Eto, anunciou que o governo disponibilizará ao mercado quase 210.000 toneladas de arroz (10% do consumo nacional) procedentes das reservas. Arroz para que te quero.

Índia

Sorria, nação hindu!

Crescendo a galopadas apesar do mundo em flamas.

O PIB da Índia avançou 6,2% no terceiro trimestre fiscal de 2024 em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo dados do MoSPI, o escritório de estatísticas do país. O resultado marca uma aceleração em relação ao crescimento anual de 5,6% registrado no trimestre anterior, refletindo a resiliência da economia indiana. Além disso, a inflação seguiu em trajetória de queda pelo segundo mês consecutivo, recuando para 5,22%, um alívio em meio aos desafios globais.

América Latina

Argentina

Milei virou Keynes?

Ou um Malthus às avessas?

O anarquista mais carismático do hemisfério sul segue tendo resultados convincentes e costurando acordos favoráveis para a economia hermana, permitindo que deixem de respirar por aparelhos e migrem do lixo ao luxo, confirmando o status quo de país mais caro da Latrina América.

A inflação da Argentina ficou em 2,2% em janeiro, apontou o IPC divulgado pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censos do país (Indec). Foi a menor taxa mensal desde julho de 2020. E isso tudo abre caminho para livrar o país das amarras de preços. O BC argentino reduziu sua taxa básica de juros de 32% para 29%. Com um rearranjo do acordo com o FMI na mira, é esperado maior folga para finalmente aliviar o bolso do próprio povo (será?).

México

Em fevereiro, o México enfrentou um cenário de cautela econômica e tensão comercial. A inflação anual desacelerou para 4,8%, enquanto o Banco do México manteve sua postura firme, deixando a taxa de juros em 9,50% para controlar as pressões inflacionárias. No campo fiscal, o governo reafirmou seu compromisso em reduzir o déficit para 3,2% do PIB, mantendo a política de estímulo a investimentos em infraestrutura e energia.

No plano externo, a trégua tarifária concedida por Trump ao México, que adiou a implementação de uma tarifa de 25% sobre exportações mexicanas, trouxe um alívio temporário. No entanto, a incerteza persiste, já que a isenção tem validade de apenas 30 dias, e a administração americana segue condicionando a suspensão definitiva ao fortalecimento das medidas mexicanas contra a imigração ilegal e o tráfico de drogas. O cenário mantém o país em alerta, enquanto investidores avaliam os riscos de uma escalada protecionista que poderia comprometer suas exportações e o crescimento econômico em 2025.

Brasil

Mar calmo nunca fez um bom investidor...

Um mês sem grandes emoções para o cenário doméstico, porém que já deu indícios de como será a nossa conjuntura política para os próximos meses. Em fevereiro de 2025, o Brasil continuou a enfrentar uma situação econômica desafiadora, marcado por pressões inflacionárias, ajustes na política monetária e preocupações com a estabilidade fiscal e financeira. As incertezas políticas, típicas de um ano pré-eleitoral, agravaram a apreensão dos mercados, refletindo nos principais indicadores econômicos.

A inflação, que já vinha acima da meta nos meses anteriores, manteve-se elevada, com os preços ao consumidor registrando um aumento de 4,96% nos 12 meses até meados de fevereiro, superando a meta de 3% estabelecida pelo Banco Central. Em relação ao índice do mês, veio bem abaixo do esperado de 1,36%, que veio como correção da devolução do bônus de Itaipu nas tarifas de energia e aumento do ICMS dos combustíveis.

Sobre as questões fiscais, o déficit em conta corrente do Brasil atingiu US\$ 8.655 bilhões em janeiro de 2025, quase dobrando o valor de US\$ 4.407 bilhões registrado no mesmo período do ano anterior. Esse aumento coloca o país próximo a um nível em que o déficit externo não é totalmente coberto pelo investimento estrangeiro direto, um cenário observado apenas em períodos de crise econômica significativa na última década. Além disso, a dívida pública federal registrou uma redução de 0,87% em janeiro, encerrando o mês em R\$ 7,253 trilhões. Essa redução reflete, em parte, os ajustes contábeis e o perfil dos vencimentos da dívida, mas o ambiente fiscal segue desafiador, com o mercado atento à capacidade do governo de manter um equilíbrio entre crescimento e responsabilidade fiscal nos próximos meses.

Diante desse cenário, fevereiro se mostra um mês de ajustes, mas sem grandes definições para a economia brasileira. A inflação segue pressionada, o déficit em conta corrente aumentou significativamente, e a política monetária permaneceu restritiva. No entanto, com o retorno do Congresso, o cenário político deve ganhar mais dinamismo, com debates fiscais e econômicos que podem impactar diretamente o humor dos mercados nos próximos meses. A agenda legislativa deve trazer maior clareza sobre o compromisso do governo com a responsabilidade fiscal e o equilíbrio das contas públicas, o que será crucial para definir as expectativas e a direção da política econômica nos próximos meses.

Juros & Câmbio

As taxas de juros mostraram forte volatilidade ao longo de fevereiro, refletindo o viés contracionista da política monetária. O CDI acumulou 0,99% no mês, enquanto o mercado futuro de juros (DI) registrou oscilações diárias acompanhando a reavaliação das expectativas dos investidores. Na primeira quinzena, a curva DI recuou levemente com indicadores de atividade mais fracos, como o IBC-Br abaixo do esperado. No entanto, essa tendência foi revertida na segunda metade do mês, quando pressões inflacionárias e incertezas fiscais voltaram a pesar. O IPCA-15 de fevereiro registrou alta de 1,23% (0,76% no núcleo), superando as projeções e reforçando a expectativa de manutenção dos juros elevados. Além disso, declarações do governo sobre possível flexibilização fiscal geraram cautela, provocando alta nos juros futuros – o DI para jan/2027 saltou de 14,38% para 14,58% após falas do Presidente sobre crescimento econômico e aumento dos gastos sociais.

O mercado de câmbio também apresentou um comportamento instável. No início do mês, o dólar recuou ante o real, saindo de R\$ 5,86 para R\$ 5,70, atingindo a mínima de três meses em 18/02 (R\$ 5,69). Esse movimento foi impulsionado por uma emissão bem-sucedida de títulos soberanos pelo Tesouro Nacional, que atraiu fluxo de moeda estrangeira, e pela valorização de commodities como o petróleo. Durante esse período, o real superou outras moedas emergentes, mesmo sem catalisadores externos relevantes.

Na segunda quinzena, porém, o cenário se inverteu. A inflação acima do esperado e o aumento das preocupações fiscais levaram a uma reversão do real, impulsionando a valorização do dólar, que voltou a operar na faixa de R\$ 5,85–5,88 até o fim do mês. O mercado reagiu com maior cautela diante da possibilidade de deterioração fiscal e da aproximação da reunião do Copom em março, o que aumentou a busca por proteção cambial.

No acumulado do mês, o dólar foi negociado, em média, a R\$ 5,77, com variação quase nula (+0,3%) em relação a janeiro. A moeda oscilou dentro de uma ampla faixa entre R\$ 5,69 e R\$ 5,88, refletindo o nervosismo do mercado. Frente ao euro, o real permaneceu relativamente estável, com a moeda europeia encerrando o mês próxima de R\$ 6,20, acompanhando o padrão de volatilidade moderada visto em outras divisas emergentes.

Moedas

Dólar	5,78	-4,20%
Euro	6,34	4,19%
Libra	7,66	4,71%
Yuan	0,81	-4,83%
Iene	0,04	9,01%
Lira Turca	0,16	-6,51%

Evolução Dólar



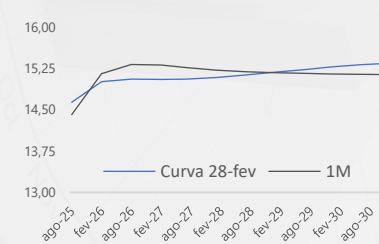
Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pelo Aware Investments

Bolsas

Fevereiro foi um mês de ajuste para a bolsa brasileira, que depois de um rali animado em janeiro (+4,86%), optou por uma correção e fechou com queda de -2,64%, voltando para ~122 mil pontos. O sobe e desce típico do mercado testou a paciência dos investidores, mas, no acumulado do ano, o saldo ainda é positivo em +2%, um lembrete de que a volatilidade faz parte do jogo.

O mercado estava agitado, e o último pregão do mês, em 28/02, foi um verdadeiro frenesi: R\$ 30,3 bilhões girando na B3, um volume 86% acima da média dos últimos 12 meses. Mesmo com a volatilidade em alta, o apetite dos investidores mostrou que ninguém quer ficar de fora do jogo.

Os investidores estrangeiros seguiram animados com o Brasil e despejaram mais R\$ 3 bilhões na bolsa em fevereiro, totalizando R\$ 11,3 bi de entradas nos últimos três meses. Enquanto isso, os institucionais domésticos ficaram de fora da festa, retirando recursos, enquanto os investidores individuais fizeram pequenas compras, talvez ainda indecisos se valia a pena entrar na pista.

Depois do rali de janeiro, fevereiro foi o famoso "descanso do guerreiro" para Wall Street. O S&P 500 recuou -1,3%, o Dow Jones -1,4%, e o Nasdaq, que tinha subido forte, levou um tombo de -3,9%, com as *big techs* realizando lucros. Parece que resolveram dar um tempo no show para respirar.

O mercado europeu seguiu sua coreografia e fechou o segundo mês seguido no azul. O STOXX 600 subiu +2%, e o FTSE 100 bateu recorde de fechamento no fim do mês. Investidores estão apostando que o continente está se reerguendo, talvez animados com os preços mais atrativos das ações por lá.

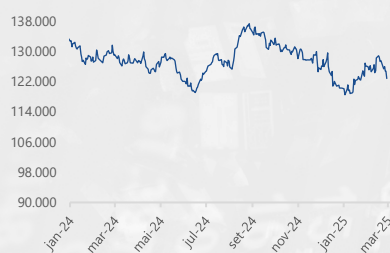
O MSCI Emerging Markets teve um modesto +0,5%, segurando as pontas em meio a desafios externos. Na Ásia, o Nikkei conseguiu fechar positivo, enquanto outras bolsas apanharam das tensões comerciais.

O real resolveu dar uma enfraquecida e o dólar fechou fevereiro a R\$ 5,91, sua maior cotação desde o 3º tri de 2024. Já o ouro brilhou, literalmente, atingindo nova máxima histórica, enquanto o petróleo Brent deu uma escorregada por preocupações com demanda.

Índices

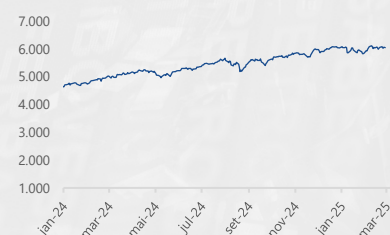
Ibovespa	122.799	-2,64%
S&P 500	6.052	3,58%
Nasdaq	19.650	3,18%
Euro Stoxx 50	5.357	6,75%
Shanghai	3.373	0,00%

Ibovespa



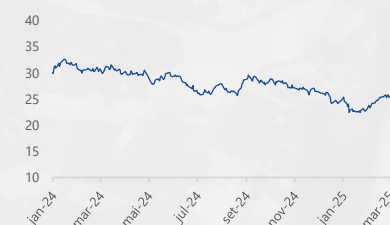
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Perspectivas

Para os próximos meses, o mercado adota uma postura de cautela. As expectativas compiladas no boletim Focus indicam que a Selic deve permanecer elevada por mais tempo e o ciclo de aperto pode se estender ligeiramente. A mediana das projeções aponta Selic em 15,00% a.a. no fim de 2025, patamar igual ao estimado há semanas, sugerindo que os agentes preveem juros ainda restritivos ao longo do ano. De fato, a curva de juros local precifica a taxa básica atingindo em torno de 14,25%–14,50% já na reunião de março e permanecendo próxima desse nível ou ligeiramente acima nos trimestres seguintes, antes de iniciar uma eventual queda apenas em 2026. Ou seja, ante a persistência da inflação acima da meta e a inércia das expectativas, o consenso é de que não haverá cortes significativos de juros em 2025, ao contrário, uma parcela do mercado admite novos aumentos no curto prazo, caso o cenário inflacionário não melhore. Essa visão conservadora se reflete também nas projeções de câmbio: espera-se um real relativamente depreciado adiante. A mediana do Focus para o dólar no final de 2025 está em R\$ 6,00, indicando que analistas veem espaço para certa depreciação do real em relação aos níveis atuais. Os motivos incluem possíveis riscos fiscais (que podem se acentuar com proximidade do ano eleitoral de 2026) e eventual deterioração dos termos de troca, além do fato de que juros domésticos eventualmente menores em 2026 reduziram o diferencial atrativo para investidores estrangeiros.

Apesar disso, há fatores positivos no radar que podem mudar esse quadro. Caso o governo consiga aprovar medidas de ajuste fiscal críveis e acalmar os temores sobre a dívida pública, o prêmio de risco poderia ceder, permitindo apreciação do real e alívio na estrutura a termo de juros. Do lado da inflação, a expectativa é de desaceleração gradual ao longo do ano, o próprio Focus projeta IPCA em torno de 4,4% em 2026, o que, se confirmado mais cedo, pode levar o Banco Central a sinalizar um fim do aperto ou mesmo um ciclo de cortes antes do previsto. No cenário externo, a evolução da política monetária dos EUA e da China será crucial. Uma estabilização ou queda dos juros americanos ou novos estímulos chineses tendem a melhorar o apetite por emergentes, beneficiando o Brasil. Em contrapartida, choques adversos, como uma piora da guerra na Europa ou surpresas inflacionárias globais forçando o Fed a apertar ainda mais, podem pressionar novamente o câmbio (dólar para cima) e exigir juros domésticos altos por período prolongado.

Em conclusão, fevereiro foi marcado por oscilações significativas, mas terminou sem mudanças bruscas de patamar para juros e câmbio no Brasil. O mercado segue atento aos próximos passos do Banco Central, particularmente à reunião de março, que confirmará ou não nova alta da Selic, e às iniciativas do governo na área fiscal. A manutenção de um discurso firme do BC e alguma moderação fiscal poderiam estabilizar os mercados, ao passo que qualquer sinal de desancoragem das expectativas pode trazer novos episódios de volatilidade. A expectativa prevalecente é de que os juros permaneçam elevados no curto prazo para garantir a convergência da inflação, enquanto o câmbio deve oscilar conforme o balanço entre o alto carry doméstico (fator de suporte ao real) e as incertezas domésticas e externas que ainda recomendam prudência por parte dos investidores.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com